

O GÊNIO CAMÕES

Gonçalo Ferreira da Silva



O GÊNIO DE CAMÕES

Gonçalo Ferreira da Silva

Camões foi poeta de
indiscutível valor,
coluna mestra das letras,
mas destes versos o autor
pretende mostrar ao mundo
Camões o gênio do humor

Não vamos tratar, portento,
da obra camoniana
uma das mais expressivas
da inteligência humana
mas de lance curioso
da vida cotidiana.

Dizem que um certo dia
Camões foi desafiado
a ir ao real palácio
como qualquer convidado
e em plena solenidade
chamar o rei de viado.

Se aceitasse o convite
um prêmio receberia,
também em dinheiro vivo
uma estupenda quantia,
Camões ficaria rico
a partir daquele dia.

Camões meditando disse:
— A riqueza é o limite,
não vou perder esta chance
porque já tenho um palpite,
não perco oportunidade,
está aceito o convite.

E todos os convidados
tinham que levar presente
para dar ao soberano
na hora conveniente,
cada convidado havia
de levar pessoalmente.

Aquela festa pomposa
por ser evento anual
homenageando alguma
conquista nacional
conduzia imenso público
para o palácio real.

Camões era um convidado
que estava em primeiro plano
por ser bastante querido
no meio palaciano,
só que teria de chamar
de viado, o soberano.

Camões estudou um plano
com muito carinho e zelo
para conseguir um meio
que atendesse o apelo
de chamar o rei, viado
sem, no entanto, ofendê-lo.

Após longo estudo, disse:
— Parece que não há jeito,
para isto me parece
que não há plano perfeito
chamar o rei de viado
sem lhe faltar com o respeito.

Assim quando muita gente
rumava ao grande palácio
o nosso grande arquiteto
da querida flor do lácio
não tinha do plano, esboço
da redação do prefácio.

Centenas de convidados
já estavam no salão
cada qual com um presente
bem reluzente na mão
para dá-lo ao soberano
quando fosse ocasião.

Camões coçou a cabeça
de poeta genial
e logo chegou-lhe à tona
pensamento sem igual,
e repetindo Arquimedes
gritou: "eureka", afinal.

Pegou um peixe e, depois
de colocá-lo num aquário
lhe fez breve confidência
do que achou necessário,
rogando do novo amigo
um espírito solidário.

Camões entrou com o aquário
no salão palaciano
e se sentou a dois metros
do trono do soberano
certo de que não havia
qualquer vestígio de engano.

No momento, no salão
havia um certo alarido
mas quando cada presente
fosse ao rei oferecido
absoluto silêncio
teria que ser cumprido.

Em razão da importância
daquele anual evento
só não se podia parar
o motor do pensamento
porém era proibido
falar naquele momento.

Era tão grande o silêncio
reinante na ocasião
que se acaso u'a mosca
respirasse no salão
poderia ser ouvida
a sua respiração.

O próprio rei acabou
o silêncio ali reinante
para saber, no salão,
qual seria o visitante
que acaso houvesse trazido
presente mais importante.

— Quem foi que trouxe presentes?
perguntou aos convidados.
Quando olhou os visitantes
no salão aglomerados,
sem ser Camões, os demais
tinham os dedos levantados.

Camões não erguendo o dedo
causou admiração
tão concentrado que estava
com o peixinho na mão,
imóvel, com o olhar fixo
ao peixe dando atenção.

O peixe movia a cauda
mas de maneira suave
lembrando a miniatura
de uma singular nave,
Camões assombrava o povo
com olhar severo e grave.

Na presença dos presentes
o primeiro foi chamado
para entregar o presente
que ao rei tinha levado
recebendo muitas palmas
do povo entusiasmado.

O segundo foi chamado
que se ergueu no recinto
levando o presente ao rei,
o terceiro, o quarto, o quinto
cada qual mais elegante,
mais cavalheiro e distinto.

Atendendo, de chamadas
estudadas sucessões,
harmoniosas e sem
quaisquer interrupções
chegou finalmente a vez
de Luís Vaz de Camões.

— O que trouxe para o rei?
ouviu alguém perguntar,
Camões então respondeu
pra todo mundo escutar
dizendo: — Nada, viado
mandando o peixe nadar.

Camões falava com o peixe
de modo muito engraçado
mandando o peixe nadar,
mas para o desavisado
Camões estava, de fato
chamando o rei de viado.

Camões repetiu bastante
para ninguém se enganar:
nada, seu viado, nada,
até o rei perguntar:
— Chamas o rei de viado
ou manda o peixe nadar?

Como ninguém nunca soube
de Camões o pensamento
para se fazer, de fato
um seguro julgamento
pra todos, o trocadilho
serviu de divertimento.

O rei percebendo que
não era um peixe chifrudo,
pediu que Camões lhe desse
para uma base de estudo
como uma eterna lembrança
aquário com peixe e tudo.

Vendo que o rei devia
ser mesmo presenteado
lhe deu o peixe e aquário
ficando maravilhado
por ser por todos na corte
festivamente abraçado.

Este caso, certamente,
dentro do tempo se deu,
a rica biografia
muito mais enriqueceu
de quem viveu como gênio
e como gênio morreu.

fim

8751

**ACADEMIA BRASILEIRA
DE LITERATURA DE
CORDEL**

**MARCO DEFINITIVO
NA HISTÓRIA DA
NOSSA CULTURA
POPULAR**